



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS - LINGUA
PORTUGUESA – MODALIDADE A DISTÂCIA**

ADRIANA CAMILLA DA SILVA MACIEL

**A REPRESENTAÇÃO DA LINGUAGEM POPULAR PARAIBANA EM “CIÇO DE
LUZIA”, DE EFIGÊNIO MOURA**

TAPEROÁ -PB

2025

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS - LINGUA
PORTUGUESA – MODALIDADE A DISTÂNCIA**

ADRIANA CAMILLA DA SILVA MACIEL

**A REPRESENTAÇÃO DA LINGUAGEM POPULAR PARAIBANA EM “CIÇO DE
LUZIA”, DE EFIGÊNIO MOURA**

Trabalho apresentado à Coordenação do curso de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa – Modalidade a Distância da Universidade Federal da Paraíba, como requisito para a obtenção do grau de Licenciado (a) em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Leonardo Gueiros da Silva

TAPEROÁ- PB

2025

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

M152r Maciel, Adriana Camilla da Silva.

A representação da linguagem popular paraibana em
"Ciço de Luzia", de Efigênio Moura / Adriana Camilla da
Silva Maciel. - João Pessoa, 2025.

29 f.

Orientador : Leonardo Gueiros da Silva.

TCC (Graduação) - Universidade Federal da
Paraíba/Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes,
2025.

1. Ciço de Luzia. 2. Linguagem popular paraibana. 3.
Variação linguística. I. Silva, Leonardo Gueiros da.
II. Título.

UFPB/CCHLA

CDU 81'27

ADRIANA CAMILLA DA SILVA MACIEL

**A REPRESENTAÇÃO DA LINGUAGEM POPULAR PARAIBANA EM “CIÇO DE
LUZIA”, DE EFIGÊNIO MOURA**

Trabalho apresentado à Coordenação do curso de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa – Modalidade a Distância da Universidade Federal da Paraíba, como requisito para a obtenção do grau de Licenciado (a) em Letras.

Data de aprovação: 21 /11 /2025

Banca examinadora

Prof. Dr. Leonardo Gueiros da Silva (UFPB/DLPL)
Orientador

Prof. Dra. Maria Leonor Maia dos Santos (UFPB/ DLPL)
Examinadora titular

Prof. Dr. Felipe Augusto Santana do Nascimento (IFAL)
Examinador titular

TAPEROÁ – PB

2025

AGRADECIMENTOS

Em uma citação atribuída ao filósofo chinês Lao Tzu, é mencionado que: “Ser profundamente amado por alguém nós dá força; amar alguém profundamente nós dá coragem.” Dessa forma, dedico este trabalho àqueles que amo incondicionalmente.

Gostaria de começar agradecendo a Deus, pois só Ele sabe de todas as dificuldades e facilidades que encontrei para chegar até aqui. Agradeço por tudo e por tanto.

“Toda honra e toda glória pertencem a Deus.” 1 Coríntios 10:31

Aos meus avôs, que me deram todo amor, proteção e apoio. À minha avó Severina Cristina (Bitá), que partiu há poucos meses, antes que este sonho se concretizasse, e agora acompanha meus passos do céu. Suas lembranças continuam vivas, mesmo com sua ausência física, sua essência permanece sendo a luz que guia a minha vida. Minha fortaleza e exemplo de amor, proteção, bondade e fé. E agora, tenho certeza de que, junto ao meu anjo da guarda reza e zela por mim. À minha avó Diva, por seus gestos de amor, acolhimento e cuidado, sua torcida constante e generosidade, que me inspiram a seguir sempre com fé e determinação. Ao meu avô Aluísio, que, com seu jeito firme e verdadeiro, me ensinou muito sobre a vida.

À minha mãe, Cristina, minha personificação do que é o amor, a resiliência e a coragem. Você sempre se desdobrou para que nada me faltasse, oferecendo não somente cuidado, mas também incentivo, dedicação e inspiração. Sua confiança inabalável em mim, sua fé em Deus e sua capacidade de enfrentar todas as adversidades me inspiram constantemente. Ao meu pai, Antônio, meu exemplo de sabedoria e integridade, agradeço pelo tempo dedicado, pelo colo, zelo e pelas palavras e demonstrações de amor. Ao meu irmão, Cássio, agradeço por sempre estar lá por mim, me apoiando, me ajudando, sendo companheiro e melhor amigo, nossa parceria e união sempre foram minha força para enfrentar qualquer desafio. À minha sobrinha Alícia, por trazer leveza e sentido para a minha vida.

Ao meu amor, Hyago, que, nesses últimos meses, foi meu cais, meu colo e meu abrigo.

A toda a minha família, que me ensinou sobre união, generosidade e amor, e a todos que, de alguma forma, fizeram parte da realização deste sonho.

Vocês são partes fundamentais da minha história, minhas maiores motivações, cada

conquista minha carga um pouco de cada um de vocês. Obrigada por acreditarem em mim.

Por fim, gostaria de agradecer ao meu orientador, professor Leonardo Gueiros, pela orientação e dedicação ao longo do desenvolvimento deste trabalho. Suas contribuições foram essenciais para o meu crescimento pessoal e acadêmico.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 — Transcrição das falas do livro onde o autor descreve a vegetação local.....	20
Tabela 2 — Transcrição das falas do livro onde o autor descreve os marcadores de tempo, espaço e localização.....	21
Tabela 3 — Transcrição das falas do livro onde o autor descreve a religiosidade.....	22
Tabela 4 — Transcrição das falas do livro onde o autor faz uso das expressões típicas do linguajar popular local.....	23
Tabela 5 — Transcrição das falas do livro onde o autor descreve as expressões no uso cotidiano.....	24
Tabela 6 — Transcrição das falas do livro onde o autor descreve as palavras avulsas que podem ser entendidas como uma representação da linguagem popular paraibana.....	25

SUMÁRIO

1. Introdução.....	9
2. Fundamentação teórica.....	11
2.1 Preconceito linguístico.....	11
2.2 Breve contextualização da Sociolinguística.....	14
2.3 Contribuições da Sociolinguística.....	16
3. Metodologia.....	18
4. Análise e discussão dos resultados.....	19
4.1 Localização, tempo e espaço.....	20
4.2 Religiosidade.....	22
4.3 Expressões regionais presentes na obra.....	23
5. Considerações finais.....	25
6. Referências bibliográficas.....	27

RESUMO

Como qualquer língua natural, o português, em sua heterogeneidade constitutiva, é construído por diferentes variedades. Cada variedade expõe, a interlocutores com quem interagimos, várias informações a nosso respeito: nossa cultura, nossa educação, nossa origem geográfica, dentre outros. Esse fenômeno pode ser explicado pelas diversas influências e fatores que levam um indivíduo a desenvolver certas formas de manifestação de língua escrita e oral. Pensando nessas questões, o presente trabalho tem o intuito de analisar a representação da linguagem popular paraibana presente na obra “Ciço de Luzia”, do escritor monteiroense, Efigênio Moura. Essa pesquisa analisa a presença dessa linguagem e discute por meio do aporte teórico da Sociolinguística como as influências regionais, sociais, temporais e socioeconômicas influenciam na forma de falar dos indivíduos. Para viabilizar essa pesquisa, optamos por adotar uma abordagem qualitativa, documental e interpretativa e estabelecemos alguns marcadores que nos permitiu criar categorias de análise. Ao longo dessa pesquisa, percebemos que de fato as influências culturais, socioeconômicas e geográficas influenciam na forma de falar dos indivíduos e essas influências vão mudando ao longo dos anos.

Palavras-chave: “Ciço de Luzia”; Linguagem popular paraibana; variação linguística.

ABSTRACT

Like any natural language, Portuguese, in its constitutive heterogeneity, is constructed from different varieties. Each variety exposes to interlocutors with whom we interact various pieces of information about ourselves: our culture, our education, our geographical origin, among others. This phenomenon can be explained by the diverse influences and factors that lead an individual to develop certain forms of written and oral language expression. Considering these issues, this work aims to analyze the representation of the popular language of Paraíba present in the work “Ciço de Luzia”, by the writer from Monteiro, Efigênio Moura. This research analyzes the presence of this language and discusses, through the theoretical framework of Sociolinguistics, how regional, social, temporal, and socioeconomic influences affect the way individuals speak. To make this research feasible, we opted for a qualitative, documentary, and interpretative approach and established some markers that allowed us to create categories of analysis. Throughout this research, we realized that cultural, socioeconomic, and geographical influences do indeed affect the way individuals speak, and these influences change over the years.

Keywords: “Ciço de Luzia”; popular language of Paraíba; linguistic variation.

1. Introdução

Esta proposta é o reflexo de minhas vivências, enquanto admiradora e leitora da cultura popular de minha região e uma breve demonstração de como a representação da linguagem popular e as regionalidades têm impacto sobre a formação literária e social dos indivíduos. Diante da imensidão de possibilidades e ciente da impossibilidade de tratar o tema por completo dentro de um tempo finito, recorro a uma obra que acredito ser um reflexo da representação da linguagem popular¹ que origina e forma parte do vocabulário enraizado em meu Cariri paraibano.

Para tratar dessa temática, acredito que o livro “Ciço de Luzia”, do escritor paraibano Efigênio Moura, oferece uma representação do linguajar característico popular de nossa região. Por esse motivo, estabelecemos o objetivo de analisar a representação da linguagem popular presente na obra, associando-a com expressões e dizeres presentes em nosso cotidiano. Para isso, apresentamos uma análise dessa obra, especialmente no que diz respeito à representação da linguagem popular paraibana. Desse modo, estabelecemos dois objetivos específicos:

- (i) Analisar a diversidade linguística presente na obra, com base nos estudos sociolinguísticos, de modo a contribuir para sua divulgação, reconhecimento e valorização.
- (ii) Estabelecer categorias de análise para identificar e compreender as representações da linguagem popular paraibana presente na obra e suas relações com a sociedade.

Para que possamos alcançar esses objetivos, recorreremos metodologicamente à abordagem qualitativa e a análise descritivo-interpretativa e documental, que são técnicas valiosas, tanto para complementar as informações obtidas por outras técnicas, quanto para elucidar novos aspectos de um tema ou problema. A abordagem qualitativa leva em consideração aspectos subjetivos e particulares que podem ser suficientemente expressos e descritos por meio dessa abordagem. Além da pesquisa bibliográfica e documental,

¹ É importante destacar que quando nos referimos à linguagem paraibana, estamos tratando de um recorte específico, que envolve o cenário no qual a estória é desenvolvida. A linguagem de um país, um estado ou uma cidade é mista, mutável e sofre influência de diversos fatores, sendo impossível representá-la fielmente ou descrevê-la em um trabalho tão condensado como um artigo. Portanto, o que apresentamos aqui é apenas uma representação da linguagem popular paraibana presente na obra analisada.

elaboramos alguns critérios de análise que se referem à criação de marcadores linguísticos presentes na obra. Com base nesses marcadores, realizamos a análise das representações da linguagem popular paraibana presente na obra por meio da teoria Sociolinguística, que nos permite fazer inferência acerca dos dados e elucidações sobre a representação linguística analisada e o contexto social no qual o indivíduo está inserido.

Aliado a isso, recorreremos a uma pesquisa bibliográfica (Freitag e Lima (2010); Cezario e Votre (2009); Gremes (2021); Bagno (1999); Bordieu (1997), entre outros) cuja finalidade é fundamentar teoricamente nossa pesquisa, trazendo validade acadêmica para as análises que empreendemos. Nessa parte de nosso trabalho apresentamos as discussões teóricas mais pertinentes que elucidam e expressam as questões que pretendemos analisar neste artigo.

Por fim, apresentamos a análise do livro. Devido à variedade de informações presentes no livro, estamos dividindo a análise em tópicos. No primeiro tópico reunimos recortes da obra onde o autor expressa marcadores de localização, tempo e espaço; no segundo tópico, apresentamos as citações onde o autor deixa transparecer o apelo à religiosidade; posteriormente, nos dedicamos a analisar as expressões e palavras tipicamente caririzeiras que encontram correspondência com boa parte de leitores que se dedicam a essa obra. Aliada a essa análise, apresentamos, sempre que pertinente, discussões complementares elaboradas por meio da Sociolinguística.

2. Fundamentação teórica

Aqui apresentamos o aporte teórico ao qual recorreremos para elaborar as definições, descrições e argumentos aqui defendidos. Tendo em vista o objetivo central de nosso trabalho, acreditamos ser viável e suficiente desenvolver nossa pesquisa nesses moldes.

2.1. Preconceito linguístico

Em nossas memórias de infância certamente há uma série de lembranças de desenhos e histórias que prenunciavam o avanço tecnológico e social que deveríamos estar vivenciando nos dias atuais. Sonhávamos com um mundo diferente, onde a globalização estreitasse as lacunas tecnológicas, sociais e da comunicação. No entanto, nos deparamos com outra realidade, a globalização veio, a tecnologia expandiu-se e popularizou-se e a globalização ao invés de evidenciar os avanços, escancarou vários problemas sociais, dentre eles, o

preconceito linguístico, problema tão comum em países marcados pela profunda desigualdade social, como o Brasil.

Acreditamos que muitos daqueles que buscam pelo assunto que compõe a temática central deste artigo também se inquietam, assim como nós, com a constante discriminação, a desvalorização e o preconceito com a manifestação da linguagem popular. Aqui, quando falamos de linguagem popular, nos referimos às variedades linguísticas características da região Nordeste, que aparecem inicialmente contextualizadas de forma geral, mas que, ao avançar de nossa pesquisa, evidenciará a linguagem paraibana, mas especificamente da microrregião do Cariri, que é o objeto de análise desta pesquisa.

Não é incomum ouvir atores e atrizes da nossa região que já afirmaram em suas entrevistas que precisaram amenizar o seu sotaque para torná-lo mais próximo da linguagem padrão do eixo Rio-São Paulo. De modo semelhante, quando a figura nordestina é representada na televisão ou no cinema, os trejeitos exagerados e o linguajar divergente do cotidiano; criam, para audiência, uma imagem distorcida e até pitoresca do indivíduo nordestino, resultando em um personagem caricato e fora da realidade.

Diante disso, nos questionamos: por que manifestações de linguagem como essa são vistas como inferior e, por esse motivo, em muitos casos, requerem disfarce? Não seria comum e natural que um país tão extenso e tão diverso apresentasse uma linguagem também diversa? Sabemos que a miscigenação de nosso povo contribui para aumentar o hiato social entre os estados e que há muitas divergências entre a linguagem de cada um deles, mas julgamos incoerente estabelecer um juízo de valor, definindo qual forma de se expressar verbalmente é superior, qual deve aparecer na televisão, qual deve ser escondida e qual delas é engraçada e pode ser tratada de modo pejorativo.

Tentando entender as causas dessa realidade, realizamos pesquisas em literatura especializada, a ser especificada a seguir, e encontramos algumas respostas possíveis. Uma dessas respostas encontra lugar em questões voltadas ao contexto social, histórico geográfico, econômico e cultural. Outro caminho aponta para consideração do modo de funcionar das mídias sociais, em particular, a televisão. Cumpre esclarecer que nosso intuito aqui não é estabelecer culpados, mas apenas entender o processo.

No que se refere à televisão, podemos destacar alguns trabalhos que apontam para essa influência (Bordieu, 1997; Alvarenga Nascimento & Eduardo Antônio, 2025; Ramos &

Roazzi, 2015). Como sabemos, a televisão no Brasil concentrou-se no eixo sul-sudeste, logo, os costumes, as falas, as vestes e os posicionamentos que estavam em desacordo com esse padrão tenderiam a ser vistas como diferentes, e em alguns casos, inferior.

Para Bordieu (1997), a televisão se mostrou um veículo muito poderoso e conseguia fazer com que as pessoas acreditassem no que viam em suas telas como uma verdade incontestável. Para ele, aquilo que é representado para os telespectadores assume a função de um fato acontecido, o que é extremamente perigoso, pois pode reproduzir visões irreais da sociedade e essas podem ainda ser legitimadas pelo senso comum, criando fantasias, fobias e distorções. Nesse sentido, entendemos que ter a região Nordeste apresentada ao país por meio da televisão e o reforço constante desse estigma criaram e mantiveram na sociedade uma visão muitas vezes distorcida que se perpetua até os dias atuais.

De modo análogo, verificamos que outra causa provável para esse preconceito linguístico se deve às divergências sociais, históricas, geográficas, econômicas e culturais reconhecidas entre regiões do Brasil. Acreditamos que um país marcado pela desigualdade social possui uma estrutura hierárquica que, talvez inconscientemente, seja organizada de modo a manter as desigualdades, uma vez que ela é uma das responsáveis para manutenção dessa estrutura hierárquica. Para Bagno (1999), as camadas que gozam de prestígio social, a quem é garantido o acesso aos bens da cultura letrada, impõem uma norma considerada “padrão”, que deve ser sempre usada, excluindo-se da coletividade as variações linguísticas que compõem o português brasileiro em sua diversidade social e geográfica.

De modo semelhante, Gremes (2021) admite que as elites fazem o uso da língua para a manutenção das estruturas de dominação; segundo ela, a língua formal é mais utilizada por aqueles indivíduos que controlam o poder econômico, cultural e político, como forma de oprimir, mesmo que inconscientemente, aqueles que não fazem parte desse núcleo de dominação. Desse modo, essa estrutura se consolida e consegue manter-se ao longo dos anos. Nesse sentido, cabe destacar a colocação de Bagno (1999) para quem, mesmo que a grande maioria da população fale o português, a variação linguística gera as diferenças regionais, bastante conhecidas, criando inúmeras vítimas de preconceito, principalmente por causa da trágica injustiça social que faz do Brasil um país com profunda desigualdade social.

Essas questões podem ser melhor entendidas se observamos o fenômeno da variação linguística com o auxílio da Sociolinguística. Vale aqui destacar que a Sociolinguística é uma

área ampla e apresenta uma grande quantidade de pensadores que explicam a variação e diversidade das línguas. Nesse sentido, admitimos que estamos utilizando algumas definições e pensamentos, mas não tratamos de todos os posicionamentos e teóricos que escrevem sobre a temática. Nas subseções a seguir, apresentamos alguns fundamentos desse campo do saber linguístico.

2.2 Breve contextualização da Sociolinguística

A Sociolinguística é uma área do conhecimento relativamente recente, mas de fundamental importância para compreensão de temas importantes como a variação linguística e as interações entre a linguagem e a estrutura da sociedade. Estamos admitindo que a Sociolinguística pode ser entendida como uma área da ciência que estuda a relação da língua com a sociedade, suas nuances, diferenças culturais e até diferenças geográficas. Dessa forma, “o linguista procura formular regras variáveis que descrevem e explicam os pesos relativos ligados aos fatores associados à ocorrência de duas formas variantes”, explicam Cezario e Votre (2009, p.146). De modo resumido, entendemos que a Sociolinguística se ocupa de questões como variação e mudança linguística, bilinguismo, contato linguístico, política e planejamento linguístico, entre outras.

Gostaríamos de trazer inicialmente uma localização histórica para o termo, como descrito por Freitag e Lima (2010), que afirmam que o termo “Sociolinguística” se fixou em 1964, em um congresso organizado por William Bright, do qual participaram vários estudiosos interessados pela relação entre linguagem e sociedade, como John Gumperz, Einar Haugen, William Labov, Dell Hymes, John Fischer, entre outros. Os trabalhos apresentados neste congresso partiam da hipótese de que a Sociolinguística deve demonstrar a covariação sistemática das variações linguística e social.

É importante entendermos que ao longo dos anos, muitas definições e pressupostos foram criados acerca dessa temática, e que por isso, há uma série de pesquisadores que elaboraram suas teorias. No século XX, os linguistas Ferdinand de Saussure e Noam Chomsky apresentaram seus trabalhos sobre linguagem. Saussure apresentou à comunidade acadêmica a corrente linguística chamada estruturalismo, na qual ele admitia que a língua independe de fatores externos, sendo uma estrutura autônoma e influenciada apenas por fatores essencialmente linguísticos, como descrito por Coelho et al (2010).

Nesse mesmo período, Noam Chomsky ganha destaque por sua corrente linguística denominada gerativismo, na qual ele admite que a língua é concebida como um sistema de princípios universais e poderia ser entendida como um conhecimento mental que o falante tem de sua língua a partir de suas próprias competências, desvinculando assim a linguagem de fatores sociais e históricos, como colocado por Coelho et al (2010). Outro linguista importante que deve ser destacado é Antoine Meillet, que reafirmava em seus textos o caráter social e evolutivo da língua, para ele, a única mudança que explicava a variação linguística era a mudança social, como aponta Calvet (2002).

Outra corrente linguística que deve ser mencionada é a corrente linguística soviética, que neste texto destacamos dois importantes autores Nicholas Marr e Mikhail Bakhtin. Marr propunha que todas as línguas do mundo tinha uma mesma origem, e essas línguas eram instrumentos de poder que refletiam lutas sociais, sendo assim, parte de uma superestrutura que ia se desenvolvendo de acordo com a base econômica das diferentes sociedades. Nesse mesmo sentido, Bakhtin defendia um enfoque da língua na interação verbal historicamente contextualizada. Para ele, a linguagem não era neutra e nem imutável, sendo variável e flexível, como apontam Coelho et al (2010).

É importante destacar que esses autores forneceram contribuições valiosas para entendermos o funcionamento da heterogeneidade linguística. De modo a problematizar um pouco melhor a heterogeneidade linguística e as suas relações com os fatores sociais, culturais e econômicos de um povo, estamos recorrendo a uma das vertentes da Sociolinguística: a Teoria da Variação e Mudança Linguística. Essa corrente é proposta, inicialmente, pelo linguista William Labov, que apresenta os principais postulados teóricos e a metodologia de trabalho empírico com a linguagem dessa nova proposta.

Inicialmente, Labov comenta sobre os trabalhos de Saussure e Chomsky e descreve que não podemos olhar para a variação a partir do quadro teórico formalista, apenas. Para ele, para o estudo da variação, o trabalho de Saussure é insuficiente ao desconsiderar os fatores externos à língua, bem como o de Chomsky, por propor a análise de uma língua homogênea. Nesse sentido, o principal ponto a ser destacado na teoria de Labov é a presença do componente social na sua análise linguística.

De acordo com Coelho et al (2010), a abordagem de Labov estabelece que as línguas são heterogêneas, o que não significa que haja uma desorganização entre os sistemas, uma vez

que as comunidades se entendem e se comunicam apesar da heterogeneidade, efetivando assim o fenômeno da variação linguística. Para os autores supracitados, a variação é inerente às línguas, e não compromete o funcionamento adequado do sistema linguístico. Nesse sentido, Labov leva em consideração o local de onde viemos e quanto estamos inseridos na cultura letrada dominante de nossa sociedade, a época em que nascemos e o grupo com o qual nos identificamos, entre várias outras informações.

No que se refere às variações, elas são definidas em variante de prestígio e desprestigiadas, de modo que as variantes de prestígio se aproximam das do modo considerado correto de falar e escrever; já as variantes desprestigiadas, em geral, se afastam desse modelo. A variante de prestígio, mesmo que não seja a mais utilizada por uma comunidade, é, no geral, definida como uma variante conservadora e valorizada, já a variante desprestigiada, é muitas vezes estigmatizada e preterida, como apontam Freitag e Lima (2010).

Nesse sentido, Labov estabelece também um conceito de condicionadores linguísticos e sociais, que são fatores que condicionam nossa escolha por uma variante específica. De acordo com Coelho et al (2012), os linguistas conseguem, através da análise desses condicionadores, delimitar os contextos mais propícios para ocorrência de cada variante, o que acaba originando os aspectos internos e externos.

2.3 Contribuições da Sociolinguística

Ao longo deste capítulo foi possível observar as diversas influências atuantes sobre a linguagem e como os fatores externos conseguem moldar a representatividade e a variedade da língua. Nesse sentido, podemos dizer que a variação linguística consiste em modos e maneiras de falar diferenciadas, apresentando modificações na linguagem em decorrência de relações sociais, culturais e econômicas disseminadas na maneira de falar do indivíduo.

Nesse sentido a Sociolinguística se torna uma excelente ferramenta de análise, nos proporcionando compreender a relação dessas estruturas sociais que evidenciam como a humanidade progride e mantêm suas relações com os indivíduos com quem compartilham sua existência. Bechara (2015, p.30) nos explica a importância da intercomunicação social uma vez que “a linguagem é sempre um estar no mundo com os outros, não como um indivíduo em particular, mas como parte do todo social, de uma comunidade”. Nesse sentido, a língua não pode ser imposta, mas é “uma obrigação aceita livremente, e não de uma imposição”.

No que se refere à regionalidade e ao dialeto, a Sociolinguística nos aponta que existem vários fatores externos que contribuem para que a representação linguística de um lugar ocorra de determinada forma. Para Bechara (2015), os falantes, por motivações de ordem política e cultural, tendem a procurar um veículo comum de comunicação que manifeste a unidade que envolve e sedimenta as várias comunidades em questão: o dialeto. E esse dialeto, por sua vez é um veículo de expressão e comunicação, que atua sobre as variedades regionais.

No que se refere a língua padrão, Possenti (1996) afirma que a chamada língua padrão é o dialeto dos grupos sociais mais favorecidos. Para ele, tornar o seu ensino obrigatório para os grupos sociais menos favorecidos, como se fosse o único dialeto válido, seria uma violência cultural. Isso porque, juntamente com as formas linguísticas (sintaxe, morfologia, pronúncia e escrita), também seriam impostos os valores culturais ligados às formas ditas cultas de falar e escrever, o que implicaria em destruir ou diminuir valores populares.

Possenti (1996) ainda complementa que:

“o objetivo da escola é ensinar o português padrão, ou, talvez, criar condições para que ele seja aprendido. Qualquer outra hipótese é um equívoco político e pedagógico. A tese de que não se deve ensinar ou exigir o domínio do dialeto padrão dos alunos que conhecem e usam dialetos não padrões baseia-se em parte no preconceito, segundo o qual seria difícil aprender o padrão. Isto é falso, tanto do ponto de vista da capacidade dos falantes quanto do grau de complexidade de um dialeto padrão. As razões pelas quais não se aprende, ou se aprende, mas não se usa um dialeto padrão, são de outra ordem, e têm a ver em grande parte com os valores sociais dominantes e um pouco com estratégias escolares discutíveis. (Possenti, 1996, Pág. 16).

Para Camacho (1988, p. 30), “não existe um padrão de linguagem mais bonito ou mais feio, correto ou errado”. O que existe é a variação da língua portuguesa que muda de região para região, de classe social para classe social e de situação para situação. Nesse sentido, destacamos aqui que o preconceito linguístico é infundado. A desvalorização das representações de falas e regionalidades não têm aporte teórico que o sustente, sendo apenas o reflexo de preconceitos e ideias de senso comum.

Diante dessa realidade, possamos nos utilizar dos valiosos conhecimentos fornecidos pela Sociolinguística para entendermos esse processo de desvalorização e combatê-lo de modo que as representações linguísticas e de regionalidade sejam discutidas, analisadas e valorizadas como sendo parte da cultura de um povo, de um lugar em um espaço e tempo.

3. Metodologia

Nesta seção apresentamos a metodologia adotada para elaboração do presente trabalho. Como tema central dessa pesquisa, destacamos a análise da variação linguística presente na obra literária do autor paraibano Efigênio Moura. Para isso, recorreremos à Sociolinguística, especialmente em sua vertente variacionista, teoria que, além de trazer elucidações pertinentes à nossa pesquisa, nos oferece caminhos para propormos uma metodologia que nos permite complementar a análise dos dados.

Como objeto de análise, estamos adotando o livro “Ciço de Luzia”, do escritor paraibano Efigênio Moura. Nesse livro, o autor nos insere em uma viagem literária que narra o discreto e apaixonado romance entre dois jovens. O que nos chama atenção é a forma como o texto é construído, uma vez que o autor adota uma linguagem bem característica da região descrita na obra, marcada pela escrita da forma como se fala no Cariri paraibano. Efigênio Moura construiu um texto bonito, representando a linguagem dessa localidade, que nos convida a repensar sobre a importância da variação linguística para a valorização da cultura popular da Paraíba.

Pensando dessa forma, estabelecemos como objetivo principal o estudo do processo de variação linguística presente nessa obra, de modo que possamos analisar o uso do linguajar nordestino ao longo do texto, destacando de que modo a oralidade popular contribui para a preservação da identidade cultural do Cariri paraibano. Para que esses objetivos sejam alcançados, estamos adotando como metodologia a abordagem qualitativa, descritivo-interpretativa e documental.

De maneira ampla, essa pesquisa é desenvolvida sob o ponto de vista qualitativo, uma vez que nosso interesse de investigação está voltado para aspectos subjetivos e interpretativos, que não podem ser descritos por meio de quantidades ou dados numéricos. Esse tipo de pesquisa nos assegura uma possibilidade de compreensão de dados que não pode ou não deveria ser quantificado. Esse tipo de pesquisa, como ressalta Minayo (2010), trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores, das atitudes, enfim, com todos esses fenômenos humanos que fazem parte de um contexto social, de uma realidade vivida e partilhada com outros semelhantes.

De modo complementar, a abordagem qualitativa e a análise documental são técnicas valiosas, tanto para complementar as informações obtidas por outras técnicas, quanto para elucidar novos aspectos de um tema ou problema. Em definição, "a característica da pesquisa documental é que a fonte de coleta de dados está restrita a documentos, escritos ou não,

constituindo o que se denomina de fontes primárias e/ou secundárias" (Marconi; Lakatos, 2010, p. 48). As fontes documentais abarcam uma gama significativa de informações, podem estar materializadas em arquivos históricos, em documentos oficiais, nos diários, biografias, jornais, revistas, materiais didáticos, enfim, nos mais diversos registros estatísticos que possibilitem um levantamento favorável ao que se pretende pesquisar. Para Gil (1999), a coleta de dados a partir de registros documentais não incomoda os participantes e é a mais simples das técnicas, se comparada aos procedimentos diretos, como a observação e a entrevista.

Nesse sentido, esse artigo apresenta uma análise da representação da linguagem popular paraibana presente no livro “Ciço de Luzia”. Com essa análise buscamos divulgar a obra, trazendo análises de como o contexto histórico e social influenciam a cultura e a forma de como verbalizamos nossos sentimentos, pensamentos e expressões, e manter viva a tradição da oralidade, que é marca do Cariri paraibano.

Portanto, propomos uma análise da expressão de linguagem presente nessa obra, elucidando questões pertinentes a essa pesquisa e buscando responder aos objetivos inicialmente delimitados.

4. Análise e discussão dos resultados

O Livro “Ciço de Luzia”, publicado no ano de 2013, foi escrito pelo autor monteiroense, Efigênio Moura. A obra é composta por 36 contos que não seguem uma sequência lógica; tratam-se de fragmentos da trajetória dos personagens, ambientado na década de 1970. O cenário que envolve a estória é o árido Cariri paraibano, marcado pela seca e pelas dificuldades, que contrastam com a força e a coragem para seguir em frente. O livro tem dois personagens principais: Ciço e Luzia. Ciço está ambientado no lugar comum da grande maioria da população. Desde cedo, precisou trabalhar para se sustentar e ajudar aqueles que o criaram. É um fruto da orfandade. Ciço trabalha na fazenda do pai de Luzia e a proximidade com ela fez nascer um amor discreto, puro e pouco provável.

Para nós, o amor é apenas o pano de fundo, não por pouca relevância, mas por fugir do objetivo de nossas análises. Aqui nos apegamos à descrição do cotidiano, que encontra correspondência com boa parte dos paraibanos. A representação das expressões, palavras e os apelos linguísticos são espelhos da fala popular desse estado e, certamente por isso, consegue

dialogar tão profundamente com seus leitores, que se pegam lendo palavras que eles mesmos falam ou que já ouviram alguém falar.

Nesse sentido, discutimos a representação da linguagem popular da Paraíba presente no livro aqui analisado. Para facilitar a condução da discussão, estamos dividindo essa análise em tópicos. O primeiro deles descreve a localização, o tempo e o espaço; o segundo tópico trata da religiosidade; o terceiro descreve as expressões e palavras avulsas que encontram significado apenas para alguns.

4.1 Localização, tempo e espaço.

No livro, notamos a presença de alguns marcadores. Nesse primeiro tópico identificamos que ao longo do texto o autor demarca muito bem o lugar de onde fala. Ele nos ambienta sobre o espaço geográfico em que se situa, descrevendo o clima, o solo, a vegetação e o lugar. Vejamos na tabela 1, como isso se dá em termos de escolhas linguísticas, especificamente na dimensão do léxico.

TABELA 1: Transcrição das falas do livro onde o autor descreve a vegetação local.

“O sol ardia o **aveloz**” (p.29).

“madeira de **algaroba**” (p.35).

“ele era mais um incrustado numa **caatinga** medonha, repleta de cinzas e verdes fugidos” (p.47).

“Tocos de **juremas pretas** aos montes” (p.47).

“O **agave** era uma das fontes de renda da fazenda Macaxeira” (p.47).

“Luzia se balança no **umbuzeiro**” (p.130).

Fonte: Livro “Ciço de Luzia” (grifo nosso).

Como podemos perceber por meio desses excertos, o autor nos ambienta ao longo do texto sobre a vegetação local, amplamente marcada por agave, jurema e umbuzeiro. Além disso, deixa claro que está falando do Cariri paraibano, como, por exemplo, na passagem onde ele fala sobre “a noite fria do Cariri” (p.65) ou quando ele trata da seca na região: “Era seca. Era o Cariri da Paraíba” (p.151). A descrição do autor expõe que estamos lidando com uma região seca, arborizada com algarobas e caatinga, que são extremamente resistentes.

Além das representações da vegetação presente no Cariri paraibano, o autor utiliza recursos linguísticos para demarcar a localização no espaço e no tempo. Vejamos na tabela 2,

como o autor recorre a marcadores de espaço e tempo para localizar o leitor do local de onde está falando.

TABELA 2: Transcrição das falas do livro onde o autor descreve os marcadores de tempo, espaço e localização.

1) “Queria Ciço, que Luzia ao varrer o terreiro de manhãzinha, olhasse pro lado de cima da rodagem ² ” (p.29).
2) “ Na lateral (esquerda de quem entra), um pé de eucalipto” (p. 59).
3) “ depois da rodagem , um umbuzeiro enorme e frondoso” (p.69)
4) “Zé chega na boquinha da noite (...)” (p.90).
5) “arma uma rede no oitão ” (p.97)
6) “a quase uma légua de distância” (p.217).

Fonte: Livro “Ciço de Luzia” (grifo nosso).

Aqui, o autor apresenta diversos marcadores que representam bem a linguagem popular paraibana. Com base na Tabela 2, analisemos o excerto 1: quando o autor fala “pro lado de cima”, fazendo referência a um conhecimento do senso comum bastante conhecido, uma vez que geralmente não utilizamos os pontos cardeais como referência; não descrevemos que um lugar fica ao sul ou a norte de um ponto referência, mas, falamos para o lado de cima ou para o lado de baixo. Já nos excertos 2 e 3, o autor apresenta uma forma de localização muito comum, que consiste na indicação de proximidade de pontos de referências.

No tópico 4, podemos observar um marcador de tempo, quando o autor afirma que o personagem chegará “na boquinha da noite”, fazendo uma referência ao anoitecer, quando o Sol já está se pondo, mas resta um pouco de claridade no céu. Outro marcador pode ser percebido no tópico 5, quando o autor fala sobre “oitão”; termo bastante utilizado na Paraíba, principalmente nas cidades do interior que faz referência às paredes laterais da casa, especialmente se não houver portas ou janelas, podendo ser também interpretado, em alguns casos, como quintal.

Para finalizar os tópicos dessa Tabela, analisemos o sexto excerto. Aqui, há a presença de um marcador de espaço, que embora esteja em desuso há um tempo, ainda é bastante conhecido e utilizado na região paraibana: a légua. Uma légua é uma medida de espaço que equivale a seis quilômetros.

² Estrada

4.2 Religiosidade

No livro analisado existe um visível apelo à religiosidade, marcado pelas interjeições e expressões que fazem referência a Deus e aos santos católicos. É notável que a fé do caririzeiro seja algo marcante, motivo pelo qual acreditamos que ela foi expressa no livro com tanta força. Na tabela 3, podemos observar esse apelo linguístico representado pelo autor em sua obra.

TABELA 3: Transcrição das falas do livro onde o autor descreve a religiosidade.

1) “Antes de sair para lida , rezou para seu padroeiro” (p. 29).
2) “em forma de respeito parava, juntava as mãos, baixava a cabeça e rezava um pai nosso e uma ave Maria (...) enviava as orações (duas, uma pro defunto e outra pro padim Ciço)” (p.35).
3) “ cá permissão de meu padim ” (p. 49).
4) “ Vixe nossa senhora das Dô! ” (p. 111).
5) “ valei-me padin Ciço! ” (p. 111).
6) “quem pode mais qui Deus?” (p. 83).
7) “Deus mandou meu padin me dar Luzia” (p.48)
8) “ Lovada seja Nossa Senhora do bom parto” (p.135)

Fonte: Livro “Ciço de Luzia” (grifo nosso).

Aqui, o autor expressa a fé que professa grande parte dos caririzeiros, sendo um povo apegado a santos e às orações, atribuindo a Deus tudo aquilo que adquire em sua vida. Por esse motivo, a linguagem popular é permeada por expressões que invocam a intercessão divina em suas vidas. Nesse sentido, ao destacar essa característica, o autor representa a fala desse povo, pois em todos eles traz elementos religiosos presentes na vida desses personagens.

No primeiro excerto, ele cita a palavra “lida”, popularmente conhecida como o trabalho/ofício. Além disso, gramaticalmente percebemos que o autor representa as flexões das palavras, marcadas pela redução ou junção de termos, como pode ser percebido nos excertos 3 e 4. No primeiro deles, há a presença do termo “cá”, que se refere à expressão “com a permissão divina”; de modo análogo, há abreviação da palavra Nossa Senhora das Dores, representada no texto apenas como “Nossa senhora das Dô”.

Além disso, é notável o uso das expressões populares como “Vixe!” ou “valei-me!”. Expressões que carregam regionalidade e denotam a região de onde falam, podendo ser também associadas ao estado socioeconômico, geográfico e cultural daquele que fala. Como pudemos perceber ao longo dos estudos da Sociolinguística, a língua é viva e está em permanente mudança, portanto, ela expressa muito mais do que é verbalizado. Discutiremos melhor essas questões na tabela 4.

4.3 Expressões regionais presentes na obra.

Acreditamos que um dos pontos mais marcantes no livro é o uso recorrente de expressões que representam a linguagem popular dos personagens retratados na obra. Para exemplificar, apresentamos na tabela 4 citações onde os personagens se utilizam delas para se expressarem.

TABELA 4: Transcrição das falas do livro onde o autor faz uso de expressões típicas do linguajar popular local.

1) “Eita Gota!” (p.169)
2) “Tá cá bobônica” (p.161)
3) “É eu mermo” (p.159)
4) “Cadê? Adonde?” (p.191)
5) “E é, é?”/ E foi, foi? (p.233)
6) “Avalie eu, Ciço” (p.279)
7) “hen hen” (p.280)

Fonte: Livro “Ciço de Luzia”.

Os excertos de 1 e 7 destacam expressões que tratam de uma modalidade de falar rural/interiorana, daqueles que não tiveram ou que tenham pouco acesso ao uso da linguagem mais típica de falantes urbanos com acesso a cultura letrada. No livro esse modo de falar é natural para muitas pessoas da região e retrata suas vivências e histórias de vida. Trazendo para nossa realidade atual, é interessante destacar que, mesmo que as pessoas sejam da mesma localidade, existem culturas e descendências distintas, portanto, essa forma de falar provavelmente não é comum para todos, sendo proveniente de fatores sociais resultando em formas de falar com características específicas.

Além dessas expressões apresentadas na tabela 4, o autor utiliza expressões “diluídas” ao longo da fala dos personagens. Essas expressões diferem das anteriores por necessitar de um complemento, não tendo um significado claro quando usada sozinha. Na tabela 5, o autor insere expressões nas falas cotidianas dos personagens.

TABELA 5: Transcrição das falas do livro onde o autor descreve as expressões no uso cotidiano.

1) “Queria que Luzia desse por falta dele ” (p.29)
2) “ Inté parece quêle num vem hoje” (p.29)
3) “Se ia dar certo? Ai vareia né?” (p.36)
4) “ Avie Luzia, tu tá pensando na morte da bezerra é?” (p.41)
5) “Antes d’eu bater a caçuleta (...) mermo eu morano na caixa bozó ” (p.42)
6) “Luzia, infilí das costa oca , tu me mata de shusto! ” (p.119)
7) “Ô coisa bem impregada! ” (p.161)
8) Vai ficar pro caritó é? (p.240)

Fonte: Livro “Ciço de Luzia” (grifo nosso).

De modo análogo ao que foi analisado na Tabela 4, aqui reunimos uma série de expressões presentes no livro que evidenciam um recorte da representação da linguagem popular paraibana. Analisando o excerto 1, percebemos a expressão “dar por falta”, comumente utilizada no cotidiano caririzeiro, expressão que substitui os termos sentir saudade ou sentir falta de alguém ou algo.

Nos excertos 2, 3, e 4, percebemos o uso de expressões que fogem à norma padrão, mas ganham significado naquilo que é verbalizado no cotidiano. “Inté³”, “vareia⁴” e “avie⁵” são expressões pouco utilizadas atualmente, mas que são facilmente compreendidas pela população local de onde se passa a narrativa do livro analisado. Além disso, expressões como as apresentadas no excerto 5 têm um significado bastante peculiar; “bater a caçuleta” significa popularmente, falecer, já a expressão “caixa bozó” se refere a um lugar muito distante.

Para finalizar esse tópico, analisemos os excertos 7 e 8. Quando o autor usa a expressão: “Ô coisa bem impregada!”, está se referindo à expressão, também popular, “bem feito!”.

³ Até.

⁴ Algo que sofre variação.

⁵ Se apresse!

Já a oitava expressão é interessante por nos informar diferentes aspectos. O primeiro deles é a própria expressão “caritó”, utilizada para descrever pessoas que ainda não casaram; já o segundo aspecto é que essa expressão nos assegura o período que a obra retrata, sendo possível observar que essa é uma prática antiga, uma vez que atualmente não existe, com tanta rigidez, a necessidade (ou obrigação) social da mulher se casar.

Além dessas expressões e marcadores analisados, sentimos a necessidade de apresentar também uma série de palavras que fazem parte do cotidiano dos personagens do livro e que julgamos merecer destaque dada a temática analisada nesse artigo. Na tabela 6 apresentamos um apanhado de palavras que surgem ao longo do texto. Essas palavras podem parecer estranhas para boa parte dos leitores que não estejam familiarizados com essas palavras, no entanto, refletem bem a linguagem popular paraibana escrita e oralizada. Para os leitores que desconheçam essas palavras, estamos apresentando seus respectivos significados.

TABELA 6: Transcrição das falas do livro onde o autor descreve sobre as palavras avulsas que podem ser entendidas como uma representação da linguagem popular paraibana.

Escapuliam (p.30) — Escapavam	Fulora (p.47) — Florir
Buliu (p.31) — Mexeu	Visage (p.54) — Visagem
Findou (p.35) — Acabou	Cangueiro (p.91) — Que não dirige bem
Abufelou (p.35) — Se agarrou	Timbungá (p.97) — Mergulhar
Azougue (p.36) — Imã	Imburacava (p.102) — Entrar sem pedir licença.
Essazóra? (p.41) — Por essas horas?	Inchirimento (p.107) — Falta de respeito
Arenga (p.42) — Briga	Bodega (p.189) — Pequeno comércio.

Fonte: Livro “Ciço de Luzia”.

Vale mencionar que destacamos aqui uma pequena quantidade de palavras usadas pelo autor como uma forma de representação da linguagem popular paraibana. Escolhemos essas palavras por acreditar que elas se adequem aos nossos objetivos de mostrar essa representação linguística presente na obra.

5. Considerações finais

O presente trabalho analisou a representação da linguagem popular paraibana na obra “Ciço de Luzia”, do escritor Efigênio Moura. Buscou-se compreender de que forma essa linguagem é construída no livro e como se relaciona com as vivências cotidianas,

especialmente no contexto do Cariri paraibano, contribuindo para a desconstrução do preconceito linguístico direcionado às variedades populares da região.

A pesquisa foi desenvolvida com base em métodos qualitativos, por entendermos que essa abordagem possibilita maior aprofundamento e compreensão de questões subjetivas do assunto estudado. O artigo foi estruturado em duas partes: a primeira dedicada à fundamentação teórica e a segunda voltada à análise da obra. Na fundamentação teórica, abordamos conceitos como preconceito linguístico, variedade linguística e aspectos gerais dos estudos voltados à variação. Ressaltamos, contudo, a escassez de publicações específicas sobre variação linguística no âmbito paraibano, o que limitou análises mais amplas e detalhadas.

Na segunda parte, apresentamos os marcadores de tempo, espaço e localização, além de elementos relacionados à religiosidade e às expressões típicas apresentadas pelos personagens. Esses marcadores foram construídos a partir da leitura minuciosa do livro, permitindo a organização de dados relevantes para nossa análise. As observações realizadas demonstraram, conforme previsto pela literatura especializada, que a linguagem está intrinsecamente ligada ao contexto sociocultural e histórico em que se desenvolve.

A obra evidencia, em diversos momentos, o uso de uma linguagem marcada por traços arcaicos e termos atualmente pouco utilizados, situando sua ambientação na década de 1970. Essa ambientação se confirma também pela forte presença de elementos do modo de vida rural, com uma economia baseada na agricultura e na pecuária. Observa-se ainda que as formas de expressão dos personagens refletem seu limitado acesso à escolarização e à cultura escrita, reforçando as características socioculturais do meio em que vivem.

De forma geral, o autor insere o leitor em um cenário típico do Cariri paraibano, descrevendo o clima, o solo, as pessoas e o cotidiano local. Nesse sentido, torna-se evidente que os personagens são produtos do ambiente em que estão inseridos: sua linguagem e comportamento expressam sua origem, suas condições socioeconômicas e os recursos aos quais têm acesso.

Assim, consideramos que os objetivos propostos foram alcançados, uma vez que este trabalho buscou tanto divulgar e valorizar a obra analisada quanto construir marcadores que

permitissem uma análise coerente da linguagem, evidenciando aspectos essenciais para a compreensão das relações entre fala, identidade e contexto sociocultural.

No âmbito pessoal, a realização deste estudo possui grande relevância, tanto pelo valor afetivo quanto pelo potencial acadêmico. Analisar uma obra cuja linguagem dialoga diretamente com minhas vivências proporcionou um olhar mais sensível e comprometido com a valorização da cultura e da identidade paraibana.

Por fim, destacamos a importância de valorizar a linguagem popular paraibana e de promover o reconhecimento das variedades linguísticas, evitando que o preconceito linguístico perpetue a desvalorização das formas populares de falar. Embora este trabalho tenha se concentrado na linguagem popular paraibana, reforçamos que nenhuma variedade linguística é inferior ou insuficiente: todas representam a história, a cultura e a identidade de um povo.

Referências bibliográficas

- BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Loyola, 1999.
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 8.ed. São Paulo: Hucitec, 1986
- BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*, p. 45/54/55 – 38ª ed. 2005. Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro.
- BOURDIEU, Pierre. *Meditações Pascalianas*. Paris: Éditions du Seuil, 1997.
- CAMACHO, Roberto Gomes. *Sociolinguística: Uma introdução*. São Paulo: Ática, 1988.
- CALVET, Louis-Jean. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.
- CEZÁRIO, Maria Maura; VOTRE, Sebastião. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). *Manual de Linguística*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011. p. 141-155.
- COELHO, Izete Lehmkuhl; GÖRSKI, Edair; MAY, Gisela H. de Souza; SOUZA, Carlos M. N. *Sociolinguística*. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010. ISBN 978-85-61482-25-1.
- FREITAG, R. M. K.; LIMA, G. O. S. *Sociolinguística*. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, CESAD, 2010.
- GREMES, Raiany Peixe. *A sociolinguística e a desconstrução do preconceito linguístico*. Caderno Humanidades em Perspectivas, Curitiba, v. 5, n. 10, p. 78-89, 2021.
- GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Fundamentos de metodologia científica*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.
- MOURA, José Efigênio Eloi. “*Ciço de Luzia*” / Moura José Efigênio Eloi — Campina Grande: Ed. Latus, 2013.
- NASCIMENTO, Silvânia Aparecida Alvarenga; BORGES dos Santos, Eduardo Antônio. *Quilombismo Linguístico: Sociolinguística, justiça social e ativismo*. Tabuleiro de Letras, v. 19, n. 1, 2025.
- POSSENTI, Sírio. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. Campinas, SP : Mercado de Letras : Associação de Leitura do Brasil, 1996. (Coleção Leituras no Brasil) ISBN 85 85725-24-9

RAMOS, Luciana de Menezes; ROAZZI, Antonio. *Sotaque e telejornalismo: representações de comunicadores de mídia nordestinos*. Revista CEFAC, v. 17, n. 6, p. 1987-1999, 2015.